

“APERTADOS UNS CONTRA OS OUTROS, COMO UM REBANHO”: A CONDIÇÃO (DES)HUMANA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO

"PRESSED AGAINST EACH OTHER, LIKE A HERD": THE (UN)HUMAN CONDITION AND FEMALE REPRESENTATION IN *JOSÉ SARAMAGO'S BLINDNESS ESSAY*

Fabiana Figueiredo*
Valci Vieira**

61

RESUMO: Este artigo oferece algumas considerações acerca da condição (des) humana e da representação feminina presentes no romance *Ensaio sobre a cegueira* (2015), do escritor português, José Saramago, tomando como ponto de partida a análise da degradação do ser humano, a partir da cegueira proposta na obra, assim como o engajamento do autor frente às questões sociais, levando-o à construção de um projeto literário de cariz libertador. Como suporte teórico, para as abordagens de questões que versem sobre a condição (des)humana e os graves problemas que assolam a sociedade, faremos uso sobretudo dos estudos de Aguilera (2010), Arendt (2007) e Reis (1998).

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago. Ensaio sobre a cegueira. Representação feminina. Condição (des)humana.

ABSTRACT: This article offers some considerations about the (un)human condition and the female representation present in the novel *Blindness Essay* (2015), by the Portuguese writer José Saramago, taking as a starting point the analysis of the degradation of the human being, from the blindness proposed in the work, as well as the author's engagement with social issues, leading him to the construction of a literary project of a liberating nature. As theoretical support, for the approaches to questions that deal with the (un)human condition and the serious problems that plague society, we will make use mainly of the studies of Aguilera (2010), Arendt (2007) and Reis (1998).

KEYWORDS: José Saramago. Blindness. Female representation. (Un)human condition.

* Mestre em Letras pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus X. Atualmente, trabalha na Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB.

** Doutor em Estudos Literários/Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL/Mestrado da UNEB.

Introdução

A literatura é uma arte fascinante que, além da sua relevância estética, apresenta um valioso caráter social, pois tem a capacidade de representar as inúmeras situações do cotidiano, evidenciando o indivíduo nas suas diversas experiências enquanto ser humano. José Saramago diz que “nada do que entra num livro vem de outro lugar que não seja este mundo, mas o romance ao achar-se feito entra ele também a influir na vida” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 120), isto é, a literatura é uma via de mão dupla, onde a sociedade serve de mote para a obra literária que, ao ser construída, possibilita que essa mesma sociedade reflita suas ações.

Ao analisarmos a profunda relação que a literatura estabelece com a sociedade, torna-se necessário considerar as palavras de Antonio Candido (1999), quando diz que a fantasia quase nunca é pura, pois ela se refere frequentemente a alguma realidade que envolve sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, entre outros. “Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura” (Candido, 1999, p. 83).

Ensaio sobre a cegueira é uma narrativa que traz em seu bojo diversas questões sociais ligadas ao ser humano, sendo a cegueira branca a grande metáfora que liga as temáticas discutidas dentro da obra. Repentinamente, as pessoas ficam cegas e mergulham em um mar de leite, que empurra a sociedade para um verdadeiro caos. Em meio àquela onda de cegueira, somente uma personagem segue enxergando normalmente, e com isso passa a acompanhar a degradação moral e a desconstrução da sociedade a qual fazia parte.

Nesse sentido, o presente artigo pretende discutir sobre a condição (des) humana e a representação feminina evidenciadas no romance *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, analisando a degradação do ser humano, a partir da cegueira proposta na obra, bem como o engajamento do autor frente às questões sociais.

Para Abdala Junior (2017, p. 140), “o caráter militante dos escritores engajados contribui para a homogeneidade de uma camada de intelectuais ligada a setores sociais-democráticos e também para a formação da consciência nacional”, e, nesse contexto, insere-se a ficção de Saramago, que, apesar de viver em um período conturbado, de muitas lutas e resistências, sempre escreveu com compromisso, preocupado não só em exprimir sua emoção, mas também em questionar a condição humana, a realidade portuguesa através das palavras, mostrando, assim, seu engajamento social e político frente às múltiplas problemáticas vividas pela sociedade, comunicando, transmitindo e fazendo a literatura funcionar dentro de um quadro maior da sociedade.

Com uma atemporalidade explícita, o ficcionista consegue transmitir, através da sua escrita, os conflitos e as mazelas do homem pós-moderno, que são facilmente transplantados para realidades atuais, e quiçá futuras, oportunizando mudanças na mentalidade do leitor e, por conseguinte, na estrutura social dominante. Ainda, segundo Abdala Junior (2017), escritores engajados, como Saramago, atuam de maneira consciente, exercendo um trabalho de perspectiva emergente. Daí a importância de se discutir questões tão iminentes, como os aspectos sociopolíticos de determinados grupos, evidenciados na literatura desse autor.

No decorrer deste trabalho, apresentaremos algumas considerações sobre o escritor, seu estilo literário e sua ficção. Posteriormente, um breve resumo da obra e as análises, com enfoque na condição desumana e a representação feminina presentes na narrativa. As discussões e análises tecidas estarão embasadas nos textos de Adorno (2003), Antonio Candido (1999 e 2011), Carlos Reis (1998), José Saramago (1995), Fernando Aguilera (2010), Benjamin Abdala Junior (2017), Affonso Ávila (2008), Djamilá Ribeiro (2019), Hannah Arendt (2007), Stuart Hall (2006), entre outros. Para fins de análises, todas as vezes que trechos de *Ensaio Sobre a Cegueira* forem citados, neste artigo, utilizaremos a abreviação *ESC.* e a página do livro.

O romance ensaístico e a ficção de Saramago

Embora definido na ficha catalográfica como sendo um texto assentado na categoria *romance*, *Ensaio sobre a Cegueira* é uma narrativa, cujo discurso apresenta traços que passeiam pelo gênero textual *ensaio*. Sobre isso, é importante lembrar que a palavra ensaio deriva do latim *exagium*, e é visto como a ação de pesar ou pensar, relacionando com o sentido de provar, experimentar, tentar. No âmbito literário, é um texto que analisa e interpreta criticamente determinado assunto (ENSAIO, 2023).

Para Theodor Adorno (2003, p. 25), “o ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas [...] não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva”. O ensaio é, por assim dizer, um gênero que traz em seu bojo a proposta de discutir um assunto com liberdade sem se ater a formalismos ou qualquer padrão instituído e sem a pretensão de esgotá-lo, evidenciando um ponto de vista, uma interpretação particular do objeto em questão.

Ao tratarmos de experimentalismo, inserimos nesse contexto o romance contemporâneo de José Saramago, com caráter ensaístico dada a sua simplicidade e precisão. O escritor apresenta textos enxutos e criativos, lançando mão de uma linguagem peculiar, carregada de sentidos e que faz jus a um dos objetivos do texto ensaístico, que é justamente criticar as ideologias (Adorno, 2003), por meio da palavra. A linguagem é, sem dúvida, um ponto alto na obra do ficcionista português, visto que, a todo momento, busca fugir dos padrões até então impostos e dissemina cada vez mais, a partir de seus escritos, a ideia da arte, que, além de ser criadora, é capaz de refletir, transformar e libertar.

De acordo com Ávila (2008), o escritor contemporâneo tem de falar uma linguagem que se aproxime em sua concisão das mensagens que o momento exige e condiciona. É exatamente o que faz Saramago em suas obras ao deixar de lado a preocupação com os pontos e as vírgulas. Ele opta por uma escrita que denota rapidez, agilidade, características próprias do homem contemporâneo, e que exalta a arte libertadora que sempre defendeu.

É imperioso destacar que a ficção saramaguiana se insere em um período bastante confuso, de grandes mudanças na arte como um todo, de tantos entretenimentos tecnológicos aos quais a sociedade contemporânea está exposta e, nesse sentido, sua literatura surge como possibilidade de reflexões e transformações para essa mesma sociedade. Valendo-se de ensaios enigmáticos, o escritor desperta curiosidades no “e se fosse assim”, colocando em evidência o individualismo exacerbado do homem que vive na contemporaneidade e as mazelas que surgem como reflexos de tal egocentrismo.

Se antes a literatura era compreendida por períodos ou escolas literárias com todo um contexto histórico capaz de explicar tais movimentos, agora a literatura alça voos em busca de novos rumos, tentando adentrar lugares ainda desconhecidos. A certeza que se tem desse momento, de fato, é a insurgência e perspicácia de escritores como Saramago que, apesar da instabilidade desse período, sempre se mostrou disposto a escrever com afinco e comprometimento com o social.

Indubitavelmente, a partir da década de 1980, a prosa portuguesa ganha uma nova roupagem, uma vez que Saramago cria uma escrita particular para expressar suas ideias e emoções. Seus textos caminham para múltiplas direções, sendo as questões sociais seu principal mote, além de trazer à tona assuntos que até então eram tratados com superficialidade ou que não se tratava para preservar pequenos grupos da sociedade.

Filho e neto de camponeses, José de Sousa Saramago nasceu no distrito de Santarém, na província geográfica do Ribatejo, no dia 16 de novembro de 1922. Foi um escritor, argumentista, jornalista, dramaturgo, contista, romancista e poeta português. Publicou o seu primeiro livro, o romance *Terra do Pecado*, em 1947, tendo estado depois largo tempo sem publicar. No início dos anos 1980, retomou sua carreira literária e, a partir daí, várias obras foram escritas. Em 1995, publicou *Ensaio sobre a cegueira*, livro que contribuiu para coroar o ficcionista com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998. Também ganhou o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa. Saramago foi considerado o responsável pelo efetivo reconhecimento

Contexto (ISSN 2358-9566) <https://doi.org/10.47456/07wah657> Vitória, v. 1, n. 47, 2025

internacional da prosa em língua portuguesa e faleceu em 18 de junho de 2010 (Aguilera, 2010).

Dono de um pensamento crítico e particular, era autêntico e provocador, político e combativo. Um escritor contra a indiferença, que não ignorava seus leitores e que aliava a literatura a outras áreas, a fim de transmitir suas mensagens e suas inquietações. Literato de sucesso e voz própria sabia articular e mostrar uma refinada autoconsciência sobre seu trabalho e da diferença que era possível fazer a partir de palavras tão agudas. Fiel à sua concepção reflexiva da escrita, Saramago não hesitava em atribuir às letras o papel de “pensar o mundo mais além do imediato, entendia que a literatura não é mais, e também não é menos, que uma parte da vida” (Aguilera, 2010, p. 119). Por diversas vezes, ao longo de sua trajetória, o autor se declarou não como um romancista, mas sim como um ensaísta:

Não escrevo livros para contar histórias, só. No fundo, provavelmente eu não seja um romancista. Sou um ensaísta, sou alguém que escreve ensaios com personagens. Creio que é assim: cada romance meu é o lugar de uma reflexão sobre determinado aspecto da vida que me preocupa. Invento histórias para exprimir preocupações, interrogações. (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 162).

66

Saramago é, assim, um romancista que escreve ensaios encobertos pela roupagem da fabulação, e se vale de sua capacidade virtuosa e original para alinhar o discurso textual, sempre com o objetivo de fazer brilhar a língua portuguesa. Nessa perspectiva, pode ser caracterizado, aqui, como um escritor de vanguarda, visto que a todo instante preocupou-se em revelar o novo, criando-o com maestria e destreza. Sua arte literária buscava acrescentar ao mundo as experiências compartilhadas pelo ser humano e, por conseguinte, a modificação da realidade presente. Sobre essa posição vanguardista e renovadora, Affonso Ávila diz que,

Sempre houve poetas de vanguarda, homens que tomaram a si a tarefa de conduzir a sua arte para a renovação, quando as formas em uso se tornavam estanques, estacionavam, incapazes de exprimir o mundo em evolução, as inquietações espirituais e as transformações materiais que experimentava. Poetas imbuídos de consciência crítica não só perante os fatos da linguagem, como também diante, muitas vezes, dos problemas mais vivos de seu contexto social. (Ávila, 2008, p. 108)

Desse modo, analisar pequenas nuances na obra *Ensaio sobre a cegueira* desse grande autor na perspectiva do engajamento político e social, é reconhecer o seu compromisso e o seu verdadeiro entendimento do que é fazer arte, mesmo não estando em um momento tão favorável para isso. Em meio à era do consumo e a crise do próprio *eu*, é preciso discutir e refletir sobre as questões sociais que ainda fazem parte do contexto do homem contemporâneo.

Uma história de “cegos que, vendo, não veem”

Uma história de cegos e cegueira, um manicômio abandonado, uma mulher inconformada e angustiada, assim pode ser denominada a obra, *Ensaio sobre a cegueira*. Escrita em 1995, com um enredo profundo e particular, o livro é permeado de situações que fazem com que o leitor reflita o seu “estar no mundo”.

É uma narrativa que conta a história de um homem de 38 anos, casado, motorista, que de forma repentina foi tomado por uma cegueira enquanto esperava sozinho dentro do carro o sinal abrir. Essa cegueira era definida como um mar de leite. Algumas pessoas o acudiram e um indivíduo, que posteriormente fica cego, se oferece para levá-lo em casa e acaba por roubar-lhe o carro. Ao chegar a casa, sua esposa o leva ao oftalmologista, que não encontra nenhuma lesão nos olhos do motorista, mas lhe solicita alguns exames para sustentar um possível diagnóstico sobre esse caso raro, o qual nunca vira. Por fim, o médico oftalmologista também é acometido pela treva branca e, aos poucos, infecta todos os seus pacientes, transformando a doença em uma epidemia. Todos os indivíduos tomados pela cegueira branca são isolados e internados em um manicômio abandonado. A mulher do médico, a única pessoa que não contraiu a cegueira, finge-se de cega e também vai para o manicômio acompanhar o marido. Ela esconde esse segredo de todos ali, exceto do marido. Nesse ambiente, passam por diversas situações consideradas subumanas, vivendo como bichos, em que o instinto se sobrepõe à razão e à dignidade humana. Depois de muito tempo, quando, finalmente, deixam aquele local imundo, os cegos enfrentam a carência da cidade grande, que fora saqueada, e são obrigados a viverem como nômades, à procura de alimentos, água e abrigos pelas

ruas (Saramago, 2015). Do mesmo modo que chegou repentinamente, aos poucos a cegueira foi desaparecendo, possibilitando aos sobreviventes, talvez, uma reconstrução material e moral.

Reconstrução é, talvez, a palavra que define a obra, visto que as facetas e problemáticas, enfocadas no enredo, intimam o leitor a uma reflexão profunda acerca do homem contemporâneo e suas mazelas: a começar pela desconstrução identitária, que é evidenciada em *Ensaio sobre a cegueira*, e que enxergamos como uma marca da degradação humana. Ao longo de toda a história, nenhuma personagem tem seu nome revelado, sendo descrita, apenas, por alguma característica que diz respeito a si. É assim com a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, a mulher do médico, o rapazinho estrábico, o contabilista, o ladrão de carro, entre outras personagens.

Acerca da relevância do nome para o ser humano, Ciampa (2005) explicita que o indivíduo, ao nascer, recebe um nome que o identifica e com ele é identificado, por isso, inicialmente é “chamado” e, depois de uma certa idade, diz: “eu me chamo [...]”. Assim, “o nome é mais que um rótulo ou etiqueta: serve como uma espécie de sinete ou chancela, que confirma e autentica a nossa identidade”. (Ciampa, 2005, p. 131)

Embora o enredo de *Ensaio sobre a cegueira* não demarque o tempo em que tudo acontece, os fatos e as características sinalizados na obra permitem ao leitor pensar que as vítimas da cegueira branca, isoladas em um manicômio abandonado, estão inseridas numa sociedade que passa por uma transformação social e moral. Nesse sentido, a construção e a afirmação da identidade dessas personagens tendem a sofrer os impactos de tais transformações. Quando os cegos chegam ao manicômio, só depois de algum tempo é que eles se lembram de se identificarem uns para os outros, deixando transparecer que a identidade não era tão importante para aquela população que ali se encontrava, basta observar as palavras e pensamentos da mulher do médico: “[...] o melhor será que se vão numerando e dizendo cada um quem é. [...] Um, fez uma pausa, parecia que ia a dizer o nome, mas o que disse foi, Sou polícia, e a mulher do

médico pensou, Não disse como se chama, também saberá que aqui não tem importância”, (ESC. p.66), ou ainda em:

[...] não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá conhecer, pelos nomes que lhe foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse [...] (ESC. p. 64)

Stuart Hall (2006), em sua terceira concepção de identidade, denomina o sujeito pós-moderno como aquele que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, é a chamada identidade “móvel”, em que ela é formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte.

Ampliando essa discussão, Ciampa (2005) salienta que, à medida que o indivíduo muda de grupo social ou de “plateia”, ele tende a assumir facetas e comportamentos diferentes, acabando por representar os mais variados papéis e, sem dúvida, múltiplas identidades são adotadas pelas personagens, muitas vezes, como forma de sobrevivência. Ao chegar ao manicômio, cada um se vale da identidade que mais lhes convém, para ali residir e sobreviver, como é o caso da mulher do médico que adota a cegueira completa, para permanecer ao lado do marido, apesar disso lhe custar a dignidade, como evidenciado neste trecho: “Se tu pudesses ver o que eu sou obrigada a ver, quererias estar cego, Acredito, mas não preciso, cego já estou” (ESC. p. 135).

De acordo com a definição do dicionário, cegueira significa estado de quem está privado do sentido da visão, ou tem uma visão muito reduzida (CEGUEIRA, 2023), entretanto, a cegueira proposta por Saramago na obra é, por assim dizer, a cegueira da alma, do mundo e tudo que o cerca. Ela está além de ser só uma doença física, é, antes de tudo, uma cegueira mental e social, que não permite que o indivíduo enxergue o outro, coloque-se no lugar do outro.

O autor faz uma analogia do quanto as pessoas têm se tornando cegas no mundo contemporâneo, e, por não enxergarem o outro, criam uma sociedade de indivíduos automatizados, autocentrados, que só sabem correr atrás de seus próprios interesses, sem se preocupar com o grau dos problemas daquele que está à sua volta. É o que se nota no diálogo do médico com o ladrão de carros: “O médico abria a boca para perguntar se a cegueira deste também era branca, mas calou-se, para quê, que adiantava qual fosse a cegueira, dali não sairiam” (ESC. p. 52), ou, ainda, no diálogo do médico com a esposa:

E agora morreremos também porque estamos cegos, quero dizer, morreremos de cegueira e de cancro, de cegueira e tuberculose, de cegueira e de sida, de cegueira e de enfarte, as doenças poderão ser diferentes de pessoa para pessoa, mas o que verdadeiramente agora nos está a matar é a cegueira, Não somos imortais, não podemos escapar à morte, mas ao menos devíamos não ser cegos, disse a mulher do médico, Como, se esta cegueira é concreta e real, disse o médico.” (ESC. p. 282).

A simbologia da “cegueira branca” é evidenciada na narrativa como a representação do egoísmo, da imparcialidade, do medo, da covardia, da raiva e de tantos outros sentimentos que cegam o ser humano e o colocam em situação degradante. Numa das muitas conferências proferidas pelo escritor, ele expressa seu sentimento de angústia e, ao mesmo tempo, destaca seu compromisso em contribuir para a extinção da cegueira que tomou conta da sociedade contemporânea e diz,

[...] desejaria que as pessoas, depois de eu ter passado por lá para dizer aquilo que fui dizer, ficassem a pensar no que disse. E como aquilo que vou lá levar são as minhas preocupações - que por sua vez aparecem nos meus livros -, no fundo verifico que só sei falar de mim, (...) o que acho é que as questões que me preocupam são questões que, queiram as pessoas reconhecê-lo ou não, a todos preocupam. E assim, quando vou falar das minhas preocupações, vou acordar, se estão adormecidas, as preocupações dessas outras pessoas (Saramago *apud* Reis, 1998, p. 49).

As palavras de Saramago revelam sua preocupação em despertar o indivíduo do sono profundo que o deixa inerte e o impede de reconstruir essa sociedade tão individualista e “mesquinha” vigente no atual contexto. Ao mesmo tempo, é como se somente na condição de cegueira o homem fosse capaz de parar e refletir acerca de suas ações para consigo mesmo e para com os outros indivíduos

que o rodeiam. São cegos que agora enxergam, ao passo que os que veem permanecem sem a visão da realidade.

“Apertados uns contra os outros, como um rebanho”: a condição (des)humana presente na obra

Em *Ensaio sobre a cegueira*, é perceptível a preocupação do escritor em evidenciar a condição humana. Em todos os capítulos, de uma forma ou de outra, o sujeito é apresentado em situação degradante, convivendo com a incerteza do que estava por vir, com a superlotação, que os obrigava a se apertarem naquele manicômio abandonado e, aos poucos, os moradores daquele lugar iam sentindo na pele as mesmas dificuldades as quais sempre estiveram expostas às classes menos favorecidas. Há um destaque para a figura do homem contemporâneo e suas dualidades.

Em meio a tantas rupturas no âmbito da arte, próprias do século XX, Saramago enxerga, na literatura, o caminho para refletir questões sociais e, talvez, uma possibilidade de humanização da sociedade frente à realidade vivida. Ao mesmo tempo em que revela características típicas da contemporaneidade, apresentando profundo desencanto, o autor demonstra esperança, sonha com dias melhores e, conseqüentemente, com seres humanos melhores.

Dias melhores era também o que esperava toda aquela gente que se apertava naquele manicômio abandonado, entretanto, à medida que o tempo passava, as coisas só pioravam, e mais gente chegava para ocupar as poucas camaratas que ainda restavam. Ali não havia distinção de raça, classe ou intelecto, eram todos iguais no cheiro fétido, na comida pouca, no mal dormir, na falta de higiene, isso fica evidente nos trechos que seguem: “[...] A comida ainda não chegou, Só do nosso lado já há mais de cinquenta pessoas, temos fome, o que estão a mandar não chega para nada” (ESC. p. 85), ou em:

[...] alguém vindo de outra camarata apareceu a perguntar se havia um resto de comida, quem lhe respondeu foi o motorista de táxi, Nem migalha, e o ajudante de farmácia, para mostrar boa vontade, adoçou a negativa peremptória, Pode ser que ainda venha. Não viria. A noite fechou-se completamente. De fora, nem comida, nem palavras. (ESC. p. 75)

Observa-se que, nesse momento da narrativa, Saramago instiga o leitor a analisar todos os ângulos da situação. É o gênero ensaístico, com seu caráter livre e experimental, sendo colocado em evidência. E se, de fato, houvesse uma epidemia de cegueira, como se comportar? De que adiantaria os bens materiais? Como lidar com o individualismo do homem contemporâneo, dividindo espaços tão pequenos, com outros seres tão diferentes? Seria então o fim da espécie humana? Tantos questionamentos para poucas respostas, certamente. É fato que o ser humano não está habituado a ficar fora da sua zona de conforto; ele não admite sequer imaginar algo de tamanha proporção e consequência para si próprio.

Hannah Arendt, em seu livro *A condição humana* afirma que “A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição da existência humana” (Arendt, 2007, p. 17). É o que ocorre com aqueles cegos, cada um possuía uma condição humana antes da cegueira e passaram a ter outra depois que foram acometidos pela cegueira branca ou o mar de leite, como costumavam descrever.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, o que se ver ou que se pensa ver são pessoas fora do seu *habitat* natural, longe de tudo que estão acostumadas, experimentando possibilidades de sobrevivências e, ao mesmo tempo, demonstrando no que o ser humano se transformou. Ali, naquele isolamento, não há perspectivas, não há espaço, não há dignidade para viver, tudo é estranho e assustador, como registrado nestas passagens: “[...] apertados na coxia estreita, os cegos aos poucos, iam-se desdobrando para os espaços entre os catres”; (ESC. p. 73); “[...] o que não estaria bem seria imaginar que estes cegos, em tal quantidade vão ali como carneiros ao matadouro, balindo como de costume, um pouco apertados, é certo, mas essa sempre foi a sua maneira de viver, pelo com pelo, bafo com bafo, cheiro com cheiro” (ESC. p. 112).

A redução do ser humano a animais irracionais e à exposição a tantas outras situações subumanas enfatizam a degradação do sujeito pós-moderno, imerso na cegueira que domina a sociedade, escravo de um sistema econômico que

aprisiona e empurra o ser humano para a condição de máquina em detrimento das relações pessoais, como evidenciado nestes excertos: “No átrio não podiam caber duzentas pessoas, nem nada que se parecesse” (ESC. p. 113), ou em: “Mantêm-se juntos, apertados uns contra os outros, como um rebanho, nenhum deles quer ser a ovelha perdida porque de antemão sabem que nenhum pastor os irá procurar” (ESC. p. 211), ou ainda:

Subitamente, ouviu-se, vindo da rua, uma confusão de gritos, ordens dadas aos berros, uma vozearia revolta. Os cegos da camarata viraram todos a cara para o lado da porta, à espera. Não podiam ver, mas sabiam o que iria acontecer nos minutos seguintes. A mulher do médico, sentada na cama, ao lado do marido, disse em voz baixa, Tinha de ser. o inferno prometido vai principiar. Ele apertou-lhe a mão e murmurou, Não te afastes, daqui em diante nada poderás fazer. Os gritos tinham diminuído, agora ouviam-se ruídos confusos no átrio, eram os cegos, trazidos em rebanho, que esbarravam uns nos outros, comprimiam-se no vão das portas, uns poucos perderam o sentido e foram parar a outras camaratas, mas a maioria, aos tropeções, agarrados em cachos ou disparados um a um, agitando aflitivamente as mãos em jeito de quem está a afogar-se, entraram na camarata em turbilhão, como se viessem a ser empurrados de fora por uma máquina arroladora. Uns quantos caíram, foram pisados. Apertados na coxia estreita, os cegos, aos poucos, iam-se desbordando para os espaços entre os catres, e aí, como barco que em meio do temporal logrou enfim entrar no porto, tomavam posse do seu fundeadouro pessoal, que era a cama, e protestavam que já não cabia mais ninguém, que os atrasados fossem procurar noutro sítio”. (ESC. p. 72)

Sem a mínima dimensão do que estava acontecendo, os cegos eram compelidos a se apertarem como verdadeiros animais selvagens e a atenderem às regras impostas pelo Estado, que sempre se comportou como uma máquina arroladora, triturando todas as possibilidades de pensamento e ascensão da espécie humana, que perdeu a capacidade de se indignar perante a exploração, o abuso de poder e a desvalorização da pessoa enquanto ser. Durante a estada no manicômio, o que havia, com muita frequência, eram conflitos entre os cegos, esperteza de todos os lados e uma condição (des)humana presente naquele lugar.

No excerto acima, o médico posiciona-se em relação à mulher e encarna a identidade que lhe parece mais conveniente para resistir a tudo aquilo a que estavam expostos, pois sabia que coisas muito piores estavam por vir. Sabia que a cegueira branca não tinha dia e nem hora para acabar, e que seria necessário

estar preparado para as circunstâncias do ambiente. O médico não estava de todo errado ao pensar daquela forma, ainda poderia ser pior:

Mas agora, ocupados como se encontram todos os catres, duzentos e quarenta, sem contar os cegos que dormem no chão, nenhuma imaginação, por muito fértil e criadora que fosse em comparações, imagens e metáforas, poderia descrever com propriedade o estendal de porcaria que por aqui vai. (Esc. p. 133)

Não era só o cheiro fétido que vinha das latrinas em lufadas, em exalações que davam vontade de vomitar, era também o odor acumulado de duzentas e cinquenta pessoas, cujos corpos macerados no seu próprio suor, não podiam nem saberiam lavar-se, que vestiam roupas cada dia mais imundas, que dormiam em camas onde não era raro haver dejeções. (ESC. p. 136)

A condição subumana a qual vivia aquela gente era cruel, entretanto, necessária para a tomada de consciência de uma sociedade que perdera a sensibilidade para o convívio social. Sobre essa discussão, Carlos Reis enfatiza que,

A condição humana - com suas fragilidades, com as suas duplicidades, com os seus egoísmos e com as suas crueldades - é agora um dos grandes sentidos visados por Saramago, em conjunção com a preocupação ética, mais do que ideológica, que o escritor projecta na sua ficção. Junta-se a isto uma visão céptica e mesmo pessimista da relação do homem com o *outro* e da organização do mundo - mundo tentacular, absurdo e desequilibrado - que o escritor enuncia também em inúmeras intervenções públicas. (Reis, 1998, p. 308)

A partir da publicação de *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago assumiu como propósito investigar a condição do homem contemporâneo com seus desdobramentos e esse compromisso é pontual em toda a narrativa. Como se não bastasse a condição (des)humana que já reinava no manicômio, os hóspedes foram, ainda, surpreendidos com a chegada de novos cegos e que não eram cegos quaisquer, eram homens violentos que viram ali a oportunidade de roubar e tirar qualquer sombra de dignidade que podia haver naquelas pessoas, porque, além de tomar os objetos pessoais de todos os presentes, não tardou em exigirem a visita de mulheres em troca de comida. Esse é, talvez, o momento crucial do livro, porque é, a partir daqui que podemos ver o que há de pior no ser humano: egoísmo, falta de caráter, maldade, o indivíduo que sempre quer tirar vantagem de tudo. De posse de uma arma, “o cego gritou, quietos todos aí, e calados, se alguém se atreve a levantar a voz, faço fogo a direito, sofra quem sofrer, depois não se queixem” (ESC. p. 140). E não pararam por aí as ameaças e os desmandos:

Não nos deixaram trazer a comida, disse um, e os outros repetiram, Não nos deixaram, Quem, os soldados, perguntou uma voz qualquer, Não os cegos, [...] E como foi isso de não vos deixarem trazer a comida, perguntou o médico, até agora não tinha havido qualquer problema, eles dizem que isso acabou, a partir de hoje quem quiser comer terá de pagar. [...] Uma vergonha, cegos contra cegos, nunca esperei ter de viver para ver uma coisa destas”. (ESC. p. 138).

Cada camarata nomeará dois responsáveis, esses ficam encarregados de recolher os valores, todos os valores, seja qual for a sua natureza, dinheiro, joias, anéis, pulseiras, brincos, relógios, o que lá tiverem, e levam tudo para a terceira camarata do lado esquerdo, que é onde nós estamos, e se querem um conselho de amigo, que não lhes passe pela cabeça tentarem enganar-nos [...], mas digo-lhe que será uma péssima ideia, se não nos parecerem suficiente o que entregarem, simplesmente, não comem. (ESC. p. 140).

Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim simplesmente, Tragam-nos mulheres. [...]. A resposta foi curta e seca, Se não nos trouxerem mulheres, não comem. Humilhados, os emissários regressaram às camaratas com a ordem, Ou vão lá, ou não nos dão de comer. (ESC. p.165)

A partir do momento em que as mulheres são pedidas em troca de comida, a figura feminina, que já era muito forte no enredo, ganha ainda mais destaque, e faz valer a sua força, como será evidenciado na próxima seção deste trabalho.

Nota-se que José Saramago insere na obra a sua visão pessimista em relação à sociedade capitalista e as consequências desiguais de sua organização. Além de apresentar o retrato do horror de uma epidemia, o autor busca representar a essência doente da humanidade que se perdeu em si mesma. É uma comunidade em estado de degradação estabelecida pela cegueira e que, diante de tantos obstáculos e dificuldades, deixam de lado pudores, princípios básicos de higiene e passam por cima dos outros, tomando como justificativa o ato de sobrevivência, ainda que haja a inversão de valores.

Durante a leitura do enredo, é possível perceber a preocupação do narrador em demonstrar a cegueira branca como condição necessária para que o ser humano passe a ver, uma vez que, antes, possuindo o sentido da visão, recusava-se a enxergar. Ao ser indagado sobre o seu objetivo ao escrever uma obra literária, o escritor reforça o seu posicionamento diante da vida e responde sem rodeios:

[...] criticar e perguntar se não podemos mudar, se não podemos ter uma vida mais digna do que a que temos, se não temos que ser menos egoístas, menos interessados naquilo que é nosso, sem perder

evidentemente o apreço humano que cada um tem por aquilo que lhe pertence. Mas sem converter este apreço numa arma contra os outros. (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 302)

Vale ressaltar que Saramago, ao longo de sua produção literária, foi considerado por muitos teóricos um escritor neorrealista, em virtude de sua preocupação em construir, por meio da literatura, uma crítica à sociedade capitalista vigente, permitindo ao público leitor refletir acerca da necessidade de mudança na esfera social. O engajamento sociopolítico sempre esteve presente na arte desse ficcionista português, com tomada de posição consciente diante dos problemas concretos da vida.

A representação feminina: resistência e alteridade

Com enredos enigmáticos e provocadores, a literatura de Saramago, de algum modo, sempre esteve imbricada com o social, buscando demonstrar as desigualdades escancaradas de uma sociedade capitalista e cheia de raízes preconceituosas, que insiste em manter o *status quo*. Em *Ensaio sobre a cegueira*, o escritor preserva sua linha de pensamento e sua postura de defensor dos excluídos ao evidenciar a representação feminina como símbolo de resistência e alteridade.

A figura feminina tem papel de destaque durante toda a narrativa; e elas são várias. Mulheres discretas ou não, com dignidade, responsáveis e imbuídas de coragem, misteriosas e dedicadas, encarnam uma maneira mais sensível de entender o mundo, de ser para si mesmas e para os outros. São mulheres,

Humildes e leais, generosas e autênticas, nelas Saramago deposita os méritos que mais valoriza, representando em seu conjunto a humanidade desejada, ao mesmo tempo que, implicitamente, são confrontadas com o modelo do homem, diante do qual se mostram mais fortes tanto na alma como em suas ações. (Aguilera, 2010, p. 171).

É notável uma enorme preocupação em exaltar o gênero feminino, tão criticado e inferiorizado por uma sociedade que é predominantemente patriarcal. A rapariga de óculos escuros, por exemplo, ao chegar ao manicômio, tem sua profissão relegada a segundo plano, pois o que se exalta em sua personagem é a ternura e a compaixão com que cuida do rapazinho estrábico, que chamava pela

mãe o tempo todo: “Entraram na camarata aos tropeções [...] teriam de aprender com as próprias dores, o rapazinho chorava, chamava pela mãe, e era a rapariga dos óculos escuros quem fazia por sossegá-lo”. (ESC. p. 48). “A rapariga dos óculos escuros disse ao rapazinho estrábico, E tu vais também para a cama, ficas aqui deste lado, se precisares de alguma coisa de noite, chamame” (ESC. p. 55).

Há um momento do enredo em que a rapariga de óculos escuros tem a oportunidade de reviver sua profissão, ainda que não fosse remunerada, visto que, antes de cegar, exercia a atividade de prostituta, entretanto, a abordagem feita pelo ladrão de carro foi vista pela mulher como uma ofensa, um assédio sexual ou coisa parecida:

Colocado atrás da rapariga dos óculos escuros, o ladrão, estimulado pelo perfume que se desprendia dela e pela lembrança da erecção recente, decidiu usar as mãos com maior proveito, uma acariciando-lhe a nuca por baixo dos cabelos, a outra, directa e sem cerimônias, apalpando-lhe o seio. Ela sacudiu-se para escapar ao desaforo, mas ele tinha-a bem agarrada. Então a rapariga jogou com força uma perna atrás, num movimento de coice. O salto do sapato, fino como um estilete, foi espetar-se no grosso da coxa nua do ladrão, que deu um berro de surpresa e de dor. (ESC., p. 57)

77

Observa-se que, aqui, que a narrativa é tecida de maneira que a imagem da rapariga de mãe e mulher, apresentada até ali, não seja desconstruída por uma atitude machista. A mulher é mostrada na obra como sendo capaz de revolucionar dentro de uma esfera social alienada, preconceituosa e tomada pelo machismo.

Nessa perspectiva, enfatiza-se a representação exercida pela Mulher do médico, que é a verdadeira protagonista da história. Ela não só conduz o marido e os demais cegos, como também conduz o enredo e sustenta o que disse o próprio escritor português: “As minhas personagens verdadeiramente fortes, verdadeiramente sólidas são sempre figuras femininas (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 174). Pode-se afirmar que a Mulher do médico carrega em si o espírito da coletividade e a esperança frente a um povo já doente, que vive em meio ao caos total, à humilhação e à redução do ser humano a um animal selvagem, como descrito na passagem a seguir:

Hoje é hoje, amanhã será amanhã, é hoje que tenho a responsabilidade, não amanhã, se estiver cega, Responsabilidade de quê, A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam, Não podes guiar nem dar de comer a todos os cegos do mundo, Deveria, Mas não podes, Ajudarei no que estiver ao meu alcance, Bem sei que o farás, se não fosses tu talvez já não estivesse viva (ESC. p. 241)

É perceptível que a Mulher do médico, além de guiar o marido, expressa preocupação em proteger todos os cegos a quem está mais próxima e, aos poucos, constrói sua própria história pautada na resistência e alteridade, deixando transcender o seu lado humanizador, o qual é predominante em sua personagem. Sobre essa condição humanizadora da Mulher do médico, Candido diz:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (Candido, 2011, p.182)

78

O olhar humanizador ressoa não só na Mulher do médico, mas em todas as personagens femininas de *Ensaio sobre a cegueira* e, de alguma maneira, resgata a essência humana que é capaz de se sensibilizar com outro. Em diversos momentos da história, as mulheres lembram e ensinam aos homens, que ali estão, como é possível viver em sociedade sem egoísmos e mesquinhas. Muitos desses momentos é protagonizado pela Mulher do médico e faz com que ela se torne uma heroína, não por vontade própria, mas pelas circunstâncias que o meio a empurra e, quem sabe, por culpa de viver e ver em um mundo de cegos. A Mulher do médico toma para si a necessidade de lutar pela vida e a dignidade de todos que se encontram naquele manicômio abandonado, ainda que essa posição a obrigue a se reinventar o tempo todo:

[...], o certo e o errado são apenas modos diferentes de entender a nossa relação com os outros, não a que temos com nós próprios, nessa não há que fiar, perdoem-me a preleção moralística, é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o (ESC. p. 262)

Apesar do sentimento de angústia escancarado por parte da personagem e a possibilidade de abandonar tudo aquilo, a Mulher do médico permanece firme e decidida a contribuir para o reestabelecimento da ordem, pois, em nossa ótica, ela é o sujeito que se aproxima daquilo é humano, que enxerga o outro, que compreende a importância de ajudar, de ser útil, e que tenta se desvencilhar dessa bolha perversa que nos envolve e nos torna tão desumanos. Ela é a voz na narrativa que desestabiliza e questiona os paradigmas de oposição que norteava a sociedade antes da cegueira. É claro que as outras mulheres, também habitantes daquele espaço, têm participações significativas na obra, o que ratifica ainda mais a preocupação do autor em fazer insurgir a figura da mulher na sociedade contemporânea, ainda carregada de preconceitos e desigualdades.

Quando os cegos são surpreendidos pelos “cegos malvados”, que exigem pagamento pela comida, mais uma vez há uma representação feminina aparecendo como redentora da situação. Ao perceber que os cegos já não tinham mais objetos pessoais, os “cegos malvados” pediram mulheres em troca de alimento. Então, são as mulheres, dona de casa, secretária, mãe, prostituta, camareira, que livram todos os demais de ficarem totalmente sem nenhuma refeição, uma vez que os homens permanecem inertes diante do grave problema que havia instaurado:

Aqui, quem proferiu a sentença final foi uma mulher já de cinquenta anos que tinha consigo a mãe velha e nenhum outro modo de lhe dar de comer, Eu vou, disse, não sabia que estas palavras eram o eco das que na primeira camarata lado direito haviam sido ditas pela mulher do médico, Eu vou, nesta camarata daqui as mulheres são poucas, talvez por isso os protestos não foram tão veementes, estava a rapariga dos óculos escuros, estava a mulher do primeiro cego, estava a empregada do consultório, estava a criada do hotel, estava uma que não se sabe quem seja, estava a que não podia dormir, mas esta era tão infeliz, tão desgraçada, que o melhor seria deixá-la em paz, da solidariedade das mulheres não tinham por que beneficiar só os homens. (ESC. p. 167)

Quando as mulheres vão pela primeira vez servir aqueles homens, são tratadas como verdadeiros objetos. Os cegos apalpam cada uma para sentir quais eram as melhores. O líder do bando, que detinha uma pistola, depois dessa humilhação, escolhe as que serão suas. Essa ação reforça o lugar de “outro” que

a mulher sempre ocupou em sua existência, sendo vista e encarada como um objeto descartável ou alguém que foi feito somente para servir.

Djamila Ribeiro (2019, p. 37), no livro *Lugar de Fala*, diz que a mulher foi constituída como o “Outro”, vista como um objeto, algo que possui uma função. Ressalta que o olhar masculino ao longo do tempo coloca a mulher nesse lugar objetificado, impedindo-a de ser um “para si”. “E isso também se dá porque o mundo não é apresentado para as mulheres com todas as possibilidades, sua situação lhe impõe esse lugar de “Outro”. Nesse sentido, temos a impressão de que a mulher precisa sempre fazer um pouco mais para ser reconhecida, notada, numa sociedade que ainda é marcada pelo patriarcado, pelos preconceitos, e isso talvez justifique a enorme relevância das mulheres em todas as ações ao longo da narrativa.

No desenrolar dos fatos e, na tentativa de se desvencilhar daquela situação de estupro coletivo, a resistência feminina, na figura da Mulher do médico, aparece em alta mais uma vez, quando ela de posse de uma tesoura tira a vida do chefe dos “cegos malvados”: “Não chegarás a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego” (ESC. p. 185).

Nessa cena, percebe-se o desejo de vingança, de nojo, repulsa, mas também de justiça na ótica da Mulher. Ela lança mão do seu caráter, aparentemente reto, e comete um assassinato em defesa de seus direitos: “Matei, disse em voz baixa, quis matar e matei. [...] Sim, matei-o eu, Porquê, Alguém teria de o fazer, e não havia mais ninguém” (ESC. p. 188-189). Era ela que dispunha da visão e da condição necessária para exercer tal ato e, mais uma vez, não se furta à sua “responsabilidade”, não pensa só em si, mas em todas as mulheres que foram submetidas àquela humilhação física, psicológica e moral.

Para Lukács, a personagem protagonista do romance encerra em si, por meio de seus atos e pensamentos, as contradições humanas e sociais, apresentando o que há de essencial nelas, e acrescenta que é “a figura central em cujo destino se cruzem os extremos essenciais do mundo representado no romance, aquela

figura em torno da qual se pode construir assim todo um mundo, na totalidade de suas vivas contradições”. (Lukács, 1965, p.78)

Apesar da morte do chefe dos cegos malvados, todos continuaram sem comida, porque o governo, também vítima da cegueira que tomou conta de toda a cidade, já não mandava mais alimento, e os confinados sofriam com a fome que piorava cada vez mais. Eis, então, que novamente é a figura da mulher que entra em cena e encontra a solução para saírem daquele lugar. Uma mulher, que nunca disse nenhuma palavra durante toda a história, lembra-se que possui um isqueiro na bolsa e decide incendiar o manicômio, começando pela ala dos cegos malvados e, finalmente, a maioria consegue fugir dali.

Ao chegar à rua, o grupo, que estava com a Mulher do médico desde o início da quarentena, vai se dando conta, através dos olhos dela, de que todos estão cegos e a degradação está espalhada por toda a parte. Depois de muito caminhar, chegaram, finalmente, à casa da Rapariga de óculos escuros e, diante de tanta precariedade e devastação, precisavam decidir sobre o futuro:

Foi à mesa que a mulher do médico expôs o seu pensamento, Chegou a altura de decidirmos o que devemos fazer, estou convencida de que toda a gente está cega, pelo menos comportavam-se como tal as pessoas que vi até agora, não há água, não há electricidade, não há abastecimentos de nenhuma espécie, encontramos-nos no caos, o caos autêntico deve de ser isto, Haverá um governo, disse o primeiro cego, Não creio, mas, no caso de o haver, será um governo de cegos a quererem governar cegos, isto é, o nada a pretender organizar o nada, Então não há futuro, disse o velho da venda preta, Não sei se haverá futuro, do que agora se trata é de saber como poderemos viver neste presente, Sem futuro, o presente não serve para nada, é como se não existisse, Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser humanidade, o resultado está à vista, qual de nós se considerará ainda tão humano como antes cria ser. (ESC. p. 244).

A Mulher do médico, entendida na obra como um símbolo de reconstrução e esperança, que tem sentido e voz, assume para si a responsabilidade de guiar e cuidar do grupo de cegos que se uniu no manicômio, buscando quem sabe reencontrar um mínimo de dignidade que fosse para seguirem sobrevivendo.

José Saramago revela em *Ensaio sobre a cegueira* a perspicácia feminina, mostrando a determinação de uma mulher que, de apenas acompanhante do

marido, passa a ser a luz no fim do túnel para todos aqueles cegos que habitavam o manicômio, e que não sabiam como lidar com a cegueira branca que os acometia. O autor utiliza a Mulher do médico como seus olhos para criticar e denunciar a sociedade mergulhada no capitalismo selvagem, distante de si mesma.

Considerações finais

José Saramago, em companhia de outros escritores, sempre defendeu sua preferência pela arte literária libertadora. Nessa perspectiva, o autor recorre ao romance com grande teor ensaístico, para expressar seu ponto de vista, por meio de uma linguagem que se aproxima cada vez mais do público leitor, sem deixar de provocar a tomada de consciência.

Mesmo estando inserido em um momento crucial da literatura, a prosa saramaguiana se mostra arrojada e de valoroso cunho social, reforçando a ideia de que a arte literária, além do belo e do prazer, é também um instrumento de crítica das mazelas, às quais o homem está imerso. O escritor português é um dos poucos autores que soube trabalhar a sua prosa dentro de uma noção consciente de arte, com uma linguagem altamente criativa e, porque não dizer, redentora.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, o *status quo* da sociedade é criticado, a partir das personagens, que, ao se verem cegas e isoladas em um manicômio abandonado, comportam-se como verdadeiros animais selvagens, quer seja brigando por espaços, quer seja brigando por comida. Tais atitudes evidenciam características próprias do homem pós-moderno que transita pela contemporaneidade. Temos, na obra, o retrato de um autor altamente engajado, que não se deixa contaminar pelo viés de escritores que privilegiam a elite em detrimento da realidade.

Tal comportamento faz de Saramago o grande literato que é. Ao exaltar a figura da mulher, dando-a a responsabilidade de conduzir toda a história, o autor justifica ainda mais seu compromisso com o fazer literário e suas consequências. A mulher do médico, protagonista da obra que assume sua posição de resistência

e alteridade, é a voz de Saramago que, em muitos momentos, não só expressa o sofrimento daquela gente, mas também exprime sua angústia e seu desgosto por tudo que tem presenciado.

O próprio escritor, por ocasião da apresentação pública da obra *Ensaio Sobre a Cegueira*, afirmou que se tratava de um livro brutal e violento e que desejava que o leitor sofresse tanto quanto ele sofreu, demarcando assim a construção árdua de uma literatura peculiar e consistente, capaz de captar e expressar as aspirações populares. “Minha literatura reflete, de alguma forma, as posturas que ideologicamente assumo, mas não é um panfleto” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 223). As palavras de Saramago destacam o poder da literatura e do escritor perante a sociedade, além de reforçar que é preciso ter coragem para dizer as coisas como elas são.

Apesar da época de publicação dos textos analisados, sua mensagem permanece atualíssima, porque a cegueira humana continua vigente, não aquela treva branca que acometeu as personagens do livro, mas a cegueira que está enraizada nas pessoas e tira qualquer possibilidade de raciocínio frente às mazelas que as castigam. É o olhar alienado e, porque não dizer, alienante, consciente do que ocorre e pouco ou nada se faz para mudar o panorama. “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem” (ESC. p. 310).

As análises permitiram compreender o enfoque da obra sobre a responsabilidade de se ter olhos quando os outros os perderam, induzindo o leitor a livrar-se da névoa que encoberta a visão, para quem sabe assim ser capaz de enxergar o que se tem em volta e, com um pensamento lúcido e livre, poder contribuir para uma sociedade melhor.

Cumprе destacar que, dada a magnitude e versatilidade desse autor, discutir seu engajamento social e político na obra *Ensaio sobre a cegueira*, evidenciando a condição humana e a representação feminina é, sem dúvida, ampliar o conhecimento de mundo e entrar em um cenário de nuances outras, em que o

comprometimento do escritor é demonstrado por meio da arte literária e o seu fazer literário visto como um fenômeno que não se afasta do seu devir.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política: Literaturas de Língua Portuguesa no Século XX**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2017.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. Tradução Jorge de Almeida. *In: Notas de literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2003.

AGUILERA, Fernando Gómez (org.). **As palavras de Saramago**. Companhia das Letras, 2010. *E-book*. (315p.) (Le Livros). Disponível em: <https://kbook.com.br/wp-content/uploads/2016/07/aspalavrasdesaramago.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ÁVILA, Affonso. **O Poeta e a Consciência Crítica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários Escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CEGUEIRA. *In: DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/cegueira/> >. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ENSAIO. *In: DICIO*, Infopedia. Porto Editora: Porto, 2023. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ensaio>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. São Paulo: DP&A, 2006.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Tradução Leandro Konder, Giseh Vianna Konder et al. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 70 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.